

**DO TRANSBORDAMENTO DA ESCUTA CLÍNICA: UMA TRAVESSIA POÉTICA**



Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia

Rebeca Diniz Sandes

**DO TRANSBORDAMENTO DA ESCUTA CLÍNICA: UMA TRAVESSIA POÉTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como  
requisito parcial à obtenção de título de psicóloga

Orientadora: Simone Zanon Moschen

Comentador: Edson Luiz André de Sousa

Porto Alegre, julho de 2018

## Percurso dos Afluentes

1. Resumo ~~~~~	4
2. Proa ~~~~~	5
3. Costas ~~~~~	6
4. Peito ~~~~~	8
5. Livre ~~~~~	15
6. Borboleta ~~~~~	19
7. Há mar ~~~~~	21
8. Popa ~~~~~	22
9. Marina ~~~~~	23
10. Ancoragem ~~~~~	24

## Resumo

Lembra o tempo  
que você sentia  
e sentir  
era a forma mais sábia  
de saber  
e você nem sabia?

Alice Ruiz

ou

Morro numas palavras tuas  
Renasço em um texto meu

Ryanne Leão

ou

A palavra  
é uma tentativa de  
deter o fluxo, estabilizá-lo.  
E no entanto persistimos em tentar  
traduzir a experiência  
em linguagem

Paul Auster

Mergulhada em afetações e fascinada pelos sentimentos, a sereia precisou expor a pele à superfície da água: atravessou barreiras de corais e sobreviveu à barriga da baleia; soube aproveitar que é criatura do entre-mundos (terra e mar), e cantou. Escutou sua própria rima e fez canto a partir da experiência. Este trabalho é a nomeação das questões que perpassaram o corpo - em sua composição de 70% água - durante a travessia de uma escuta clínica.

Palavras-chave: sentimento oceânico; água; corpo; nomeação; experiência; escuta clínica

## Proa

## Mar

Estive no rio e vi o mar. Vi que ele não tem portas, janelas, ombros ou cotovelos.

Nele, nada se articula.

Tentei contar uma história para ele. Ele não me ouviu, mas disse:

por que você precisa de verbos para falar?

Noemi Jaffe

## Costas

Pés na areia. Terra firme? não -úmida, movediça.

Cabelos protegidos com duas toucas: uma por baixo da fita do óculos e outra por cima -para o óculos não cair. Óculos bem atado, grudado aos olhos.

Foi dada a largada.

Atravessamos, Marcela e eu, o primeiro encontro da areia com a onda.

Nadamos.

A travessia de seu atendimento como paciente foi também a minha travessia como terapeuta.

As primeiras braçadas foram um banho de água fria. Que mar era aquele? Desconhecido, turvo, revolto. A desistência não era uma opção. Era preciso adentrar aquele mar imenso. Sabia sobre as correntezas, sabia sobre o nível da maré, sobre a direção que soprava o vento, mas aquelas águas queimavam a pele de tal modo que deixavam marcas. Saí encharcada, a ponto que duas toalhas de papel não foram suficientes para me secar. Foi preciso vinte e cinco folhas de papel.

~

No fundo da minha casa havia uma piscina. Ela era oval e um tanto quanto pequena e um tanto quanto rasa, mas grande o suficiente para uma criança brincar e pular. Talvez essa seja a mais antiga lembrança da água que rego: eu dava “pontas” e pedia a meu pai que registrasse uma nota de um a dez para aquele salto. Independente da pontuação, eu ia de novo. E de novo.

Marcela só tem uma boa lembrança da sua infância, e esta não se associa à água. O avô materno lhe trazia presentes toda vez que voltava da farmácia. Porém, o outro avô (a quem chama por “pai do pai”) corrompe a beleza da água no momento em que entrava no banheiro enquanto a pequena neta tomava banho...

Sua mãe lhe diz que nunca foi uma criança que brincava -apenas lia. Lia tanto, que no segundo ano do ensino fundamental já havia lido *Clarissa*, de Érico Veríssimo. Mas isto não é uma boa lembrança, pois sua avó lhe advertia que “muita leitura causava loucura”. Lia tanto, que se identificava com a personagem da Bela, de *A Bela e a Fera* (desenho animado que assistiu incontáveis vezes), que era “a estranha que gostava de ler”. Mas esta também não é uma boa lembrança. Marcela lembra que, quando criança, saiu de sua cidade rumo à capital com uma mochila carregada de livros para vender: precisava de dinheiro para comprar comida, visto que seu pai, patético como o

caracteriza, passava os dias gravando músicas do rádio, enquanto que o trabalho da mãe não dava conta. Marcela também se lembra dos dias frente ao mar com seus pais e irmã. Esta era fotografada pelo pai a cada sorriso, porém quando Marcela pedia ao pai que lhe fotografasse, recebia uma recusa. Marcela pedia de novo. E de novo. Enquanto criança, chorou. Neste exato instante, o pai fez o registro.

No entanto, as memórias infantis mais vívidas de Marcela são aquelas que a remetem ao abuso sofrido. Quando Marcela conta sobre tudo aquilo que a palavra não dá conta, percebo que o tempo, em sessão, não era marcado pelo relógio. O tempo de Marcela marcava-se pela ruptura de laços.

Enlaçou-se a Carlos e atou-se. Por sete anos estivera casada com este homem, treze anos mais velho. Por este motivo, Marcela afirma ter visto no esposo a “figura paterna que nunca teve”. É em Carlos que Marcela via segurança, inicialmente, pois ele teria sido o primeiro homem a oferecer-lhe esta sensação. Carlos é caracterizado por ela como um “psicopata”; contudo, era também seu corretor literário e o pai de seus filhos.

Nesta relação, não havia sexo que não fosse estupro. Marcela não entende por que. Nesta relação, Marcela oferecia seu corpo como objeto em troca de que ele revisasse os contos que escrevia. Marcela não entende como. Nesta relação, Marcela era constantemente e brutalmente espancada se, por exemplo, chegasse bêbada em casa. Marcela não entende.

O caos inicial? Marcela pensa que Carlos atraiu-se por ela pois era como se tivesse em sua testa escrito “vítima facilmente abusável”. Foi neste ponto que a paciente costurou a história de um caos primordial, o abuso infantil. Este tempo, Marcela relata ter sido um divisor de águas em sua vida. E mais, afirma que tal inscrição havia lhe tirado a energia vital.

Marcela se conta aos seis anos de idade: ela e sua irmã eram levadas pela mãe para a casa da praia do pai do pai. No entorno da casa havia muitos sapos, pois era uma região lamacenta. Marcela adquiriu asco a sapos. Ela conta que havia rumores na família de que o pai do pai já havia abusado de outra prima, e a mãe de Marcela, sabendo disso, mesmo assim a levava para passar os verões nesta casa de praia. Marcela compreende isso como negligência, violência e abuso também da mãe, que não acreditou na filha quando esta quis lhe contar dos abusos - a ausência na presença; que muitas vezes machuca, corta, rasga, quebra, destrói muito mais.

Marcela não se afirma escritora, inicialmente. Ao ir deslizando em seu próprio discurso, consegue se dizer uma escritora medíocre. Todavia, há o consenso de que

Eduardo Galeano, Jean Paul Sartre e Bertold Brecht são escritores. Aquele nos presenteia com: “os cientistas dizem que somos feitos de átomos. um passarinho me contou que somos feitos de histórias”. Apoio-me nela, pois é Marcela quem conversa com ela, ao dizer que assistiu a um documentário que falava do fato de que o DNA das pessoas era marcado pelas histórias que cada indivíduo vivia. Ao transpor para a sua vida, ela fala da impossibilidade de se fazer algo que melhore a sua vida, visto que os eventos abusivos que a marcaram ocorreram em contextos problemáticos e doentios. Sartre entra na conversa com a célebre: “não importa o que fizeram com você. o que importa é o que você faz com aquilo que fizeram com(de) você.” Sendo professora de História, Marcela deve conhecer tal citação, mas não creio que concorde tanto assim, não inconscientemente pelo menos. O terceiro, Brecht, faz pensar com: “do rio que tudo arrasta, se diz violento; mas não se diz violentas as margens que o comprimem”. Marcela é uma pororoca -uma onda num rio. Marcela diz ter sido bordeada por violentos abusos que a tornaram a pessoa má que pensa ser, a pessoa arrogante que dizem que é -violentas margens que a comprimiram ao nada.

E eu sou sua leitora. Por vezes me assusto com seu texto, por vezes me espanto, me choco. Me entristeço, me orgulho. Me fascino, me paraliso.

### **Peito**

Fico sem palavras, como se estivesse batendo perna e não saindo do lugar. Fico sem verbos, como se estivesse engolindo água no momento em que levantasse a cabeça para respirar. Era preciso boiar, flutuar. Flutuante, meu corpo não viraria mar. Flutuante, não me afogaria, não me afundaria naquele imenso e profundo nada que sentia Marcela e que me fazia sentir Marcela. A transferência, essa raiz que liga a planta à terra, esse cordão umbilical que conecta o bebê à água da placenta, é a conexão pela qual Marcela parece estar sempre por um fio, à corda bamba. Mesmo em sua fragilidade de vínculos (e talvez minha sensibilidade em vínculos), ela liga: átomo com átomo, história com história.

Nadar nesse mar de palavras que era o inconsciente Marcela fez com que eu pensasse em estratégias de sobrevivência, de não inundação. Senti a necessidade de delimitar uma barreira, um limite, uma separação entre (esses) nós. Entendo essa necessidade como efeito da transferência, pois para Marcela as separações não são claras: as posições como mãe e como professora colidiam em relação ao filho mais

novo, que estudava na mesma escola em que ela lecionava, e que era pedido para ler as placas dos carros se quisesse tocá-los. Por conta das dificuldades em separar-se e inserir terceiros na relação com o filho, ele vem construindo uma estrutura que beira o autismo e a psicose. Marcela também se demonstra confusa quando diz da época do divórcio com Carlos, quando no dia seguinte sentiu-se “boiando, perdida no mundo, como se tivesse saído de um sequestro em que era a refém”.

Ao tentar nadar por suas margens, há ondas que batem forte, e algumas delas embalam e algumas delas embolam. É assim que aprendo a importância da postura - da espinha, da ética. A postura em sessão e a postura na água são princípios, fundamentos de ambas as práticas. Em sessão, há paredes, cadeiras, poltronas que ajudam a delimitar um setting. Na piscina, há raias, demarcações em azulejos e equipamentos didáticos, acessórios lúdicos que também ajudam a manter a postura. No mar não há nada, apenas água. Porém, aprender a portar-se é mais que localizar-se num espaço, é construir a estrutura de si enquanto uma profissional guiada pela ética psicanalítica, compreendendo que a técnica psicanalítica pode ser flexível, enquanto que a ética é inflexível. Enquanto terapeuta em formação que colecionava conchas para escutar seus mares, sentia no corpo a ética alinhando a postura. Portanto, a fim de manter o corpo rente à superfície da água -para não criar resistência, atrito-, fez-se necessário nomear. Assim sendo, as palavras vão, partem junto a esse fascínio e conseqüente paralisação; mas também vêm, voltam para trans~bordar.

Aos meus olhos -e ouvidos, Marcela era uma paciente com uma alta capacidade associativa, o que me deixava um pouco perplexa. Pensava, unia, ligava, argumentava, discordava, linkava, trazia, associava o tudo com o seu nada. Justamente por causa disso, foi preciso tirar o excesso de água do ouvido a fim de a escuta ser menos encharcada e mais fluída. Me perguntava, então, se eu estava tomando muito caldo dessa sopa de letrinhas, visto que tudo o que Marcela queria, segundo ela, era ser escutada; perguntava-me também se Marcela a cozinhava sempre com as mesmas letras, não podendo brincar de formar novas palavras, novas metáforas; ainda, se Marcela apenas jogava-as na panela, assim como dizia que sua mãe a jogava naquela casa da praia; e, se Marcela, enquanto comia, estava com tampões de ouvido, não me escutando, apenas querendo comer; talvez por isso Marcela se autodenominava como uma panela de pressão prestes a explodir, pois não permitia que o ar entrasse por seus ouvidos.

Talvez houvesse espuma entre nós, pois Marcela se dizia nada, eu me digo nado. O verbo só é em relação ao outro, o que (não faz) falta para Marcela; o verbo só faz

função (gramatical e psíquica) quando flexionado, conjugado, ligado; por isso, Marcela se fala a partir do substantivo nada. Porém, entre verbo e substantivo a linha era tênue em tempos de atendimento, o que me fez querer demarcar o que era mar e o que era corpo.

Nomeei, então, a paralisação como fascinação. E nomeei a fascinação como sentimento oceânico, o tempo do tudo e do nada. Tempo em que não há essa separação entre sujeito e universo, entre o eu e o outro. Esse tempo de eternidade gera sensação de pertença, mas também gera uma proximidade com o abismo do entre loucura-razão, da vida-morte, o que Marcela transparecia.

Junto a Freud e Alain Didier Weill, que teorizam o sentimento oceânico, eu o penso (e o sinto) como uma síncope, um “afrouxamento do eu, uma diluição do princípio de individuação, uma ausência temporária de si” (CARNEIRO, 2008, p.70). Essa experiência do ilimitado vinha carregada de uma explosão de imaginário, a qual me via atrelada em relação à Marcela. Era puro imaginário a minha fascinação em relação a sua postura como paciente. Lacan (1954) postula, no esquema L, que toda relação neurótica é imaginária, pois em cada uma das quatro posições e cenas em que a palavra entra, há uma imagem do outro sendo vista a partir da condição do eu. Quem eu imagino que o outro é e quem eu imagino que sou muda conforme de onde se fala, de onde se é falado. Portanto, o meu imaginário em relação à Marcela me capturou a tal ponto que a conformei toda, assim como faz o bebê em relação a sua mãe na fase do estágio do espelho, proposto também por Lacan (1966): fascina-se por ela, por ter lhe convocado a construir uma imagem toda, propiciando-lhe uma satisfação não só corporal, mas também psíquica, da ordem do narcisismo estruturante.

Ao nomear a experiência de escuta, me percebo (no só depois) tendo nadado uma travessia em alto mar. Uma travessia, agora da minha postura, de uma passagem do imaginário para o simbólico, como se a água tivesse ficado mais límpida e eu pudesse enxergar o chão, ou até mesmo dar pé no fundo. Mesmo sabendo que o registro simbólico não é um salva-vidas pronto para o resgate de um afogamento (pois ele também traz repetição, por exemplo), aqui faz função, pois posso a~mar~rar, costurar palavra com palavra.

Essa íntima ligação com o ambiente, o sentimento oceânico, não segrega, ou seja, não simboliza, visto que simbolizar é a capacidade de diferenciar. Diferenciar o dia da noite, por exemplo. O alvorecer, aquele tempo de instante em que já não é mais noite, mas também ainda não é dia, é o tempo da não separação, da qual é necessário se

defender para não se fundir. Marcela faz sintoma aí, nas separações, e é o que gozo nos remete justamente: como o sujeito lida com a castração, ou seja, os limites, as bordas.

Os estudos que procuram na cultura e na humanidade as origens mais profundas do mal-estar dão atenção para este momento inicial na constituição do sujeito psíquico, a fusão da díade mãe-bebê. Freud (2010, p.27), afirma então, que, o “bebê é puro amparo absoluto, sente-se todo protegido, completo, não havendo indistinção com o mundo, pois no início não há mundo para ele”, apenas sua mãe. Sentindo-se amado, o bebê contém o tudo. Recém saído de um mar de placenta, o bebê é puro oceano, pois “pertence a uma união indissolúvel, algo como sem limites, sem barreiras” (2010, pp. 42-43).

É esse amor original e nesse sentido que Freud vai aportar como um dos princípios da teoria psicanalítica como sendo a cura pelo amor e vai assentir, justificar, validar essa maneira como a busca pela felicidade, pois: “o que é mais natural do que persistirmos em buscar a felicidade na mesma via em que pela primeira vez encontramos? O amor como centro, que espera toda satisfação do fato de amar e ser amado” (2010, p.74). É nesse sentido que retratava Marcela como estando em um trabalho de análise, pois era exatamente essa pergunta que a paciente me suscitava ao abordar suas questões - por que não pode ser amada?

Nas sessões, amor era palavra frequente, porém de difícil conjugação. Havia um abismo entre a letra A e as suas iniciais MAR. O amor era como uma marca d'água, resistente na inscrição. Marcela vivia em luta com esse sentimento, pois se mostrava confusa em relação ao amor dos filhos, por exemplo: um dia afirmava que os amava, outro dia tinha convicção de que estava aprendendo a amá-los. Comenta, certa vez, que as únicas pessoas pelas quais sentia amor era a falecida avó e o quase falecido avô. Tenta até definir o amor como sendo a soma de todas as coisas boas de uma pessoa dever ser melhor do que a pior coisa de si. Admite que ninguém nunca lhe amou e que ninguém nunca vai lhe amar. Conclui, também, que não teve o amor dos pais, pois não sabiam o que era saúde mental, tendo sido exposta a um contexto problemático; e que por conta disso, só se relacionou com pessoas problemáticas, não sabendo fazer diferente porque a vida social não apresenta manual. Marcela já levou em sessão a fala de seu namorado Júlio, que lhe confessa amor. Contudo, não se acha merecedora por pensar ser uma pessoa má. Marcela se diz incapaz de atrair amor. Me questiono se todo bebê é envolto em segurança e amparo. Mesmo não sendo, tudo que um bebê e uma criança ainda poderiam querer, em suas relações imaginárias, é ser desejado pelo outro.

Desse modo, Marcela parece ainda estar se havendo com esse narcisismo infantil, talvez até construindo esse resto de libido supostamente investido num amor próprio primário.

Quando Marcela se pensa como mãe, se encontra como filha. Como era ser filha de sua mãe? Como é ser mãe de cada um de seus filhos? Há aí uma transmissão de maternidade. Há aí algo que possa ter falhado, pois em seu discurso ela reconhece a mãe como boa avó mas péssima mãe, e sua avó como boa avó para si mas péssima mãe para sua mãe. Devo legitimar esse ponto, pois Marcela evoca essa sensação como o motivo pelo qual iniciou tratamento: não quer repetir a história - não quer fazer parte dessa “inscrição mnemônica transgeracional” (FREUD, 2010, p.26). O significante “mãe”, para a paciente, é culpa. Desse modo, o sujeito Marcela ainda está preso às amarras do abandono. É possível não estar, em algum momento? Seria plausível pensar em uma travessia para Marcela - a de seu fantasma? Não é justamente o se deparar com o cursor piscando, com esta folha metade escrita metade em branco o que gera agonia e medo? Isso que Marcela (e eu) conta(mos) é tentar dar conta pelo conto - a dor faz (p)arte.

Marcela faz e é o movimento de que fala Lacan: do contado ao contador. Em outras palavras, morrer como objeto do gozo do outro para surgir o sujeito desejante. Me soa também como uma travessia. Mas, nesse sentido, Marcela faz sintoma justamente neste ponto, quando sustenta o gozo na carne, como o bebê que é um pedaço de filé, por assim dizer. Acredito que Marcela se veja como um puro objeto ao desejo do outro, pois quando criança, em seu processo de erotismo e libidinização, ela foi vista como um objeto, ao ser tomada nesta posição frente aos abusos, aos retratos do pai. Desse modo, as pulsões se interligam: ser olhado e sentir-se. Talvez até por isso ela pudesse se identificar com Bela para além dos livros, pois tentava (e tenta) desconstruir a sua imagem de fera e má para constituir uma imagem a sua semelhança, alguém bela e boa.

“Seria até prostituta se tivesse mais estômago”, afirmou a paciente. Para ter mais dinheiro, explica que se cadastrou em um site pornográfico, mas se decepcionou com o fato de que “ninguém a quis por não ser bonita nem gostosa, não servindo nem para prostituta”. Quando aproximei a concha do ouvido, escutei que Marcela se colocava em uma posição abusiva, perpetuando o compromisso que tem com seu sintoma. Porém, hoje longe da beira da praia, será que o som do mar ecoa diferentemente? Ou seja, seria possível pensar que justamente na prostituição há uma tentativa (mesmo que possivelmente falha, frágil) de inverter a posição de abusada para abusar o outro, “reusando” seu corpo como objeto de prazer próprio?

Mesmo assim, a desvalia era sentimento constante, que, muitas vezes, vinha acompanhado da revivência dos abusos: dizia sentir-se obrigada a ir a uma feira de cosplay com o namorado mesmo não tendo vontade. Os dois fantasiavam-se para além das vestimentas, pois ela relata um incômodo ao ter sentido na pele a sensação de um abuso. Marcela explicita “a falta que lhe faz ser violentada e sofrer”. Então, promove seu gozo sintomático quando bate em si mesma, mesmo dizendo que “não machucaria nem uma formiga”. Ato frequente e advindo de situações cotidianas, como por exemplo, quando colocou o livro da livraria na pilha errada - Freud explica, literalmente: “a agressão é introjetada, interiorizada, na verdade mandada de volta a sua origem; portanto, dirigida contra o próprio eu” (2010, p.144).

Por vezes, Marcela se assemelha a um bicho, pois vive sob a lei da natureza pré cultura: comer e ser comido, presa e predador. Freud afirma que cultura humana é “tudo aquilo que elevou as suas condições animais e fez distinguir da vida dos bichos” (2010, p.23). Os animais têm alto nível de convívio social e relações hierárquicas, mas sem muito manejo para as relações humanas, Marcela demonstra ser um lobo perdido de sua alcatéia. Perdida do seu bando, Marcela é um filhote que uiva a noite toda, que chora um choro desesperador, pois se sente desamparada, abandonada, desinvestida. Como um bebê que é puro Real, ela é pura angústia.

A procura de uma vazão total dessa energia provém de um nada total, e talvez retorne a um vazio total, por isso que se adia, para que não se escoo total a água, para que não seque a fonte da vida. Jean Chevalier e Alain Gheerbrant certa vez escreveram o Dicionário de Símbolos (1969). Nele, o elemento água tinha diversas nomeações: fonte de vida, meio de purificação, centro de regeneração, origem da vida; o caos, a indistinção primeira. Sopro vital, retorno à primordialidade, ao estado embrionário. A água é o que mantém vivo um ser, é o elemento bioquímico que sustenta a condição da existência de vida neste planeta terra. Os seres vivos vieram da água, do mar, dos oceanos. Nadaram, rastejaram, voaram, engatinharam e caminharam. Não é à toa que enquanto o embrião humano se desenvolve, ele está imerso e rodeado pelo líquido amniótico da placenta, pois essa água o protege, o acomoda.

O nascimento é um ato fundador, e como ato, é um (re)corte -do cordão umbilical, de tudo que poderia ter sido e não é. O útero materno, essa moradia no mar, ampara do mesmo modo como ampara uma bolsa de água quente na dor -a dor orgânica é também dor psíquica. A dor, no bebê, é demasiada intensificada, pois sente tudo por meio do Real. É por isso que a dor física é também dor psíquica, pois não se

compreende a potência, a dimensão, o valor da dor quando não é nomeada. O tempo do Real e da não nomeação é o tempo primeiro, tempo do originário. Até que haja a nomeação e a entrada no discurso, há a indistinção, ou seja, a não separação das coisas, a não diferenciação, a não simbolização. É o tempo do nada. Mas sendo do nada, é também do tudo, porque sendo nada, se é tudo. O bebê não sabe que enquanto está na barriga da mãe, está se passando nove meses; para ele, a água é um lugar sem tempo. Cabe ao adulto essa distinção e marcação do tempo.

A origem, esse segundo tempo, então, implica nomeação. Ela já é uma interpretação do vivido. Sendo assim, seria aceitável pensar na origem como um trauma? Pois é ela que acarreta uma desconexão, uma perda nesse trânsito entre sentido e linguagem, entre Real e Simbólico. Se o traumático não é o evento em si e sim o à posteriori, ou seja, os efeitos que a significação deram, (a segunda vez pela qual se passa por um rio, segundo a teoria do trauma), não seria correto pensar na defesa e na proteção do sujeito perante a origem ao invés do originário? Porque quanto mais o sujeito tenta se livrar e fugir do seu originário, mais vai construir e fixar uma origem, ou até mesmo colar um ao outro, o que impossibilita uma transformação, pela palavra, posteriormente em análise. “A conservação do passado na vida psíquica é regra” (2010, p.48), afirma Freud. E mais: “nada do que uma vez se formou pode perecer” (2010, p.26). Mas como, então, pensar essa consolidação da origem quando o psiquismo é atemporal? Só isso justificaria a análise: a discursividade do presente mudaria o originário, suspendendo uma origem.

Desse modo, a sobrevivência da origem, para Marcela, continua como história única, como única possibilidade de transmissão e inscrição, o que é perigoso, pois estabelecer a origem como imutável e impossibilitaria a abertura para outras saídas dentro da sua história. É nesse sentido que Marcela se questiona, pois ao afirmar conscientemente que deseja mudar, se pergunta como mudar “a base” de uma pessoa se esta base foi abusiva, doentia e desamparadora (para além do ponto em que é condição para a constituição do sujeito). Há que escutar e validar sua pergunta, mas há também que ajudá-la a se perguntar como contar outra história de si com os mesmos elementos. Como produzir outro sentido e outro sentir com estes elementos? Como estabelecer alguma potência frente ao originário e à origem? Quais as possibilidades de se colocar em relação (com os outros e o Outro) ao passado tão mortífero?

Certa vez ouvi a palestra de um professor que transmitia relatos de alguns de seus alunos. Este, uma criança de uns seis anos, disse ao professor: “aprendemos na aula

de biologia que um ser vivo é aquele que nasce, cresce, se reproduz e morre. Mas então eu não sou um ser vivo, porque ainda não me reproduzi e não morri”. Está certo ele, claro, mas outra certeza absoluta é que há muita morte na vida - e na de Marcela está transbordando à ponto de ela mesma perceber a banalização e a naturalização da morte. Para Marcela, viver é cansativo, e quando fala em morrer, menciona a morte não como algo triste, mas como algo que vai acontecer, pois irá se matar quando perceber que seus filhos não mais precisem dela.

A morte lhe faz muita narrativa: tentou matar a própria mãe com uma faca e foi impedida pela irmã; quando estagiava no arquivo público, via mortes todo dia nos documentos; no colégio, tinha fantasias de matar a todos, ao estilo ‘Tiros em Columbine’; quando casada com Carlos, lhe pedia que não matasse Max, que se fosse para ele matar alguém, que fosse ela; com nove anos, estimulada pelo pai, sentiu-se culpada pela morte das pessoas na ditadura militar; quando em contato virtual com um homem, lhe respondeu uma pergunta sobre a futura morte dos filhos da seguinte maneira: os meus filhos vão morrer pelas próprias bocas; morreu a avó que ela tanto amava, que lhe foi figura materna; afirmou ter desejo de matar o “isso não é meu vô” se ele tentasse algo abusivo com sua irmã; relatou ser agradável a ideia de ser morta pela única pessoa que lhe deu o mínimo de segurança, Carlos.

A pergunta que foi se tornando questão desta escritura fluiu pelas veias. Cartograficamente, o processo de elaboração da pergunta foi tendo dimensão de questão justamente porque passava pelo corpo, pela experiência. Então, tomada pela força que a correnteza-morte gerava no discurso da paciente, o empuxo-vida foi articulando fibra com fibra, músculo com músculo, osso com osso para entender o que era preciso para estar vivo um ser. Com que forças e energias esse filhote continuava a latir? De onde vinham esperanças na luta pela conservação da vida? O que sustentava psiquicamente a vida de Marcela, se tanto falava em morrer e se matar?

### **Livre**

O estilo é livre; eu escolhi o peito para nadar e Marcela escolheu o conto para escrever. Eu já treinei bastante borboleta e Marcela já escreveu algumas poesias. Mas a maioria deletou, apagou, como quem apaga à borracha um risco, um traço à lápis mesmo tendo afirmado: “nada é meu, só a escrita”. Conta que precisa escrever assim como precisa respirar, remetendo a escrita à necessidade do mesmo modo que Freud a

chama de “senhora necessidade”. Para Lacan, o conto é um estilo de escrita muito nobre, mas para Marcela, sua escrita é medíocre, mediana, mesmo tendo sido elogiada por um grupo de escritores portugueses, que, diga-se de passagem, são renomados escritores. Ela participa de concursos virtuais de contos cuja regra é o anonimato. A cada consígnia dada, um novo conto: para mim, uma nova oportunidade da escuta de um significante; para ela, uma nova oportunidade de se reescrever com outras combinações de palavras.

Mas de nada adianta ficar em terceiro lugar no concurso, me disse. Será? Pois um dia Marcela ia fazer “alguma bobagem” e ao invés disso, começou a escrever um conto. A escrita lhe salvou? O tema dado aos participantes era terror, e o que Marcela escreve é a história do seu abuso infantil. De fato terrorífica, pois quando não conseguiu me ler ou me contar sobre em sessão, e me enviou online, eu tive um pesadelo na noite em que li. Assim como Manoel de Barros fala que tudo que não inventa é falso, Marcela fala que a ficção extrapola a realidade, é inventada, e por conta disso, segura. É nessa via que Marcela me comenta que escreveu esse conto para tirar um pouco de si a marca do que é, porque no momento em que o publica, já não é mais seu. A escrita é corpo, penso. Corpo abusado, corpo objeto. Objeto de escrita, sujeito da escrita. O corpo do texto, o texto em seu corpo. Mas será que também não seria possível pensar que quanto mais Marcela escreve sobre isso, mais lhe é seu? Poderia Sousa (2001) corroborar com isso afirmando que é “o escrito que produz o sujeito quando há o verdadeiro ato de escritura”?

No momento em que Marcela diz que somente se sentia acolhida quando deitada no chão do banheiro de azulejos verde-água da casa da avó, percebo que meu banheiro é pintado de verde-água com azulejos azul claro e branco. A água como órgão mediador, como um elemento do inconsciente coletivo. Mas também diz que o seu eu quando escreve é alguém encolhida no canto de um banheiro - o verdadeiro “mal estar: sentir-se desprotegido, falta de abrigo, fragilidade” (FREUD, 2010, p.25). Escrever em/na falta é quando há potência, pois não é possível escrever quando se submete como objeto ao outro. É nesse sentido que Marcela relata que a escrita lhe perde sentido: quando percebe que há outras pessoas que escrevem melhor que ela, que não há perfeição em si. A cada novo conto, uma nova tentativa de escoar o cansaço cotidiano que assolava Marcela. Sua escrita, porém, “não [era] forte o suficiente para fazer esquecer a miséria real da vida, [era] apenas uma fugaz libertação das desgraças cotidianas” (FREUD, 2010, p.71). Será mesmo que toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada

uma história? Talvez se eu me perguntava se de fato Marcela me escutava, é porque eu via alguém ausente ali, fazendo sentido pensar sua escrita como a narrativa da ausência; e Freud (2010) fala exatamente isso: “originalmente, a escrita é a linguagem de quem está ausente” (p.89). A ausência é a presença do nada, é onde há nada, ao contrário do vazio, que já implica na existência de um contorno. Marcela se fala a partir do nada, e é justamente o trabalho de uma análise, de um tratamento, que o sujeito possa se falar a partir de um vazio. Vazio em um sentido de consciência da falta concomitantemente à presença de bordas.

É instigante pensar a escrita como potência, ainda mais guiada por esta pergunta no caso de Marcela, pois entendo a escrita como uma criação e invenção, como uma tentativa de produção e elaboração de um originário que inscreve, visto que escrever é uma série de riscos, traços. A (re)criação de um originário pode dar lugar aos significantes que uma vez fizeram parte de uma origem vazia. É nesse sentido que a literatura faz borda e é litoral, pois ela se vale dos restos. Assim me utilizo, também, das sobras dessa escuta clínica para a escrita desse escrito.

Viktor Frankl, sobrevivente dos campos de concentração nazista, relata em seu livro *Em Busca de Sentido*, o desejo de viver e as estratégias humanas para a conservação da vida. Discorre sobre a sua visão do que seria a neurose: a incapacidade de encontrar sentido e um senso de responsabilidade em sua existência, e sobre a premissa do existencialismo: “a vida é sofrimento, e sobreviver é encontrar sentido na dor. Se há algum propósito na vida, deve haver também na dor e na morte”. Frankl escreveu sua experiência, que se transformou na criação da logoterapia; Marcela escreve ficções de si, e enquanto conta do seu conto, fala de uma vida sem sentido. Atualiza seu discurso e diz, enquanto ri chorando ou chora rindo, que sim sua vida tem sentido - o do sofrimento e da dor. E quando casada, Carlos, mesmo que tenha sido um psicopata, fornecia-lhe o sentido da dor. Mas Marcela não quer mais que sua vida seja assim, e então se indaga e me indaga em como mudar essa base feita de sofrimento e dor.

De novo, será mesmo que toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história? Marcela já afirmou a função indispensável que o espaço de escuta tem para si. Mas o que mais poderia conservar a vida? Seus filhos, como uma vez disse? Com este pensamento, não estaria Marcela colocando-os em uma posição objetal com o fim de apenas serem o propósito de sua existência? Será que o sentimento oceânico também não poderia ser um elemento que sustenta a vida? Ou melhor, como o

sentimento oceânico se potencializa na água, visto que é onde Marcela parece escrever, onde não lhe faz registro? Como se manter na superfície, onde há ar?

O que Freud (2010) diz é que “a fome e o amor mantêm coeso o mecanismo do mundo: a fome podia ser considerada a representante daqueles impulsos que querem conservar o indivíduo, enquanto que o amor anseia por objetos -sua principal função é a conservação da espécie” (p.134). Enfim, não se trata de encontrar uma resposta certa, ou até mesmo uma resposta, mas se trata talvez, de produzir um texto que tenha algo a dizer sobre a vida (e sobre a morte), que tente estabelecer litoral entre Real e Simbólico –gozo e saber.

Seja nas piscinas de 25m ou nas de 50m, a virada é um momento crucial. Muitos nadadores usam esse tempo para alguns milésimos a mais para respirar e descansar, mas o nado se torna muito mais eficiente quando o atleta entende que a virada é tanto um ponto de explosão de velocidade quanto de atenção para conservação da postura corporal. Porém, no mar não há viradas, pois não há bordas. Entretanto, houve um momento em que entendi como uma parada, não exatamente para descansar, mas para recuperar o fôlego e para ajustar a postura na água, na cadeira do setting. É como se fosse também um pouco do que Lacan fala na sua teoria do Tempo Lógico - um afastamento do instante de ver para adentrar no tempo de compreender. E pode-se dizer, então, que agora seria o momento de concluir.

O ponto de virada na escuta que eu fazia de Marcela foi justamente o conserto da postura. Eu soube parar um pouco e me perguntar o que eu faria com tudo aquilo que ouvia, o que falaria para uma paciente daquelas. Enfim, quando comecei a me fazer perguntas e não fazê-las tanto à paciente, percebi que não era necessário entrar em todas suas ondas para surfar nestas cristas - o que me gerava a fascinação. Fez parte deste momento, também, quando me dei conta que eu não sentia mais tanta necessidade de anotar e relatar palavra por palavra do que Marcela falava. Além disso, fui sentindo na pele que ali naquela sala existiam duas pessoas e não somente a paciente, ou seja, que era preciso eu me escutar também, a fim de entender melhor a transferência, que afinal de contas, se faz no ponto de afetação entre duas pessoas. Portanto, flutuei a atenção e senti em mim o momento para finalizar a sessão. E, ao invés de indagar Marcela (como reação da minha surpresa e fascínio), indaguei a mim mesma, percebendo que existia uma linha tênue entre narrativa e verdade. Não levar ao pé da letra o que a paciente tomava como verdade, não elevar a narrativa como verdade foi um momento do desfascínio, momento em que me vi livre, pois me permiti escutar as suas e minhas

próprias perguntas no sentido de uma desfixação, ou seja, de uma ficção possível, de uma verdade enunciável.

### **Borboleta**

O nado borboleta é, talvez, o nado mais temido pelos atletas, pois requer força extrema e técnica impecável. Por ser o mais complexo, é o último dos quatro nados a ser ensinado para nadadores iniciantes. Quando nadado assim, os tempos caem drasticamente, atingindo quase tempos de nado crawl. Os recordes mundiais do *fly* (*de butterfly*), como é carinhosamente chamado em inglês, condizem mesmo a um vôo. Este nado, em especial, compõe-se em três tempos: a batida propulsiva da pernada de golfinho (gosto mais de pensar na cauda das sereias), a puxada dos braços (que é o que se assemelha às asas de uma borboleta) e a respiração, frontal ou lateral.

Também a escuta clínica apresenta-se em três tempos, segundo Lacan: o instante de ver, o tempo de compreender e o momento de concluir. Assim como nas águas, nos settings terapêuticos são necessárias paciência e prática. Esses dois elementos conferem ritmo, tanto para a eficiência energética do borbo (carinhosamente chamado em português) quanto para a construção de uma escuta advertida. Escuta, portanto, se constrói através do tempo e dos tempos.

O tempo do tudo e o tempo do nada, o tempo de uma travessia, o tempo de um escrito, o tempo de um trauma, o tempo de um estágio, o tempo de uma experiência, o tempo de uma transferência. O tempo, para a psicanálise, é caro. Estar atento ao tempo é dar tempo ao tempo. O tempo que leva para que a atenção flutue não é o mesmo tempo que leva para aprender a deixar que o corpo flutue. O corpo pede borda, o corpo pede confiança.

Quando se está equipado com o cilindro de oxigênio é possível ficar fascinado pela barreira de corais no fundo do mar, mas quando se está dependendo do próprio pulmão, o tempo de mergulho é outro, pois é preciso subir à superfície rapidamente. Mesmo aqueles que descem a cem metros de profundidade com uma única enchida de pulmão, praticaram a escuta de si, sentiram até onde seu volume máximo de oxigênio suportava a pressão marítima. A escuta de si (do terapeuta) no consultório aquoso importa, pois diz da relação transferencial, de como o paciente faz laços e se insere no discurso, de como se fala no tempo passado até aquele encontro. A escuta de si confere conhecimento à prática clínica psicanalítica. A clínica, a experiência de escuta e a

escrita fazem nó e fazem laços na mesma fita, a fita corporal. É fato que os afetos de Marcela me afetaram.

~~~~~  
~~~~~  
~~~~~  
~~~~~ a primeira vez que  
vi o mar eu não estava  
sozinho~~~~~  
~~~~~ estava no  
meio de um bando enorme de meninos  
~~~~~ nós tínhamos  
viajado para ver o mar  
~~~~~ no meio de nós havia  
apenas um menino que já o tinha  
visto~~~~~  
~~~~~ ele nos contava que havia três espécies de  
mar: o mar mesmo, a maré, que é menor que o mar, e a marola, que é menor que a  
maré~~~~~ logo a gente fazia ideia de um lago enorme e duas lagoas~~  
mas o menino explicava que  
não~~~~~  
~~~~~ o mar entrava pela maré e a maré  
entrava pela marola~~~~~ a  
marola vinha e  
voltava~~~~~  
~~~~~ a maré enchia e  
vazava~~~~~  
~~~~~ o mar às vezes tinha espuma e às vezes não  
tinha~~~~~  
~~~~~ isso perturbava ainda mais a  
imagem~~~~~  
~~~~~  
~~~~~ três lagoas mexendo, esvaziando e enchendo, com uns rios no meio, às vezes uma  
porção de espumas, tudo isso muito~~~~~ salgado, azul, com ventos  
~~~~~  
~~~~~  
~~~~~ mar, rubem braga, 1938~~~~~

## Popa

### Mar

Ela disse  
mar  
disse  
às vezes vêm coisas improváveis  
não apenas sacolas plásticas papelão  
madeira  
garrafas vazias camisinhas latas de  
cerveja  
também sombrinhas sapatos  
ventiladores  
e um sofá  
ela disse  
é possível olhar  
por muito tempo  
é aqui que venho  
limpar os olhos  
ela disse  
aqueles que nasceram longe  
do mar  
aqueles que nunca viram  
o mar  
que ideia farão  
do ilimitado?  
que ideia farão  
do perigo?  
que ideia farão  
do partir?  
pensarão em tomar uma estrada longa  
e não olhar para trás?  
pensarão em rodovias  
aeroportos  
postos de fronteira?  
quando disserem  
quero me matar  
pensarão em lâminas  
revólveres  
veneno?  
pois eu só penso  
no mar

Ana Martins Marques

## **Marina**

Aos marinheiros, que mesmo nauseados, seguiram viagem comigo até sob mau tempo e intempéries climáticas.

Aos golfinhos, que faziam do salto e da imersão o avistar de novas terras em alto mar.

Aos marujos, que souberam fixar âncoras para criar raízes e também içar velas para descobrir novos mundos.

À tripulação, que emprestou papel e pena para escrever diários de bordo.

Aos peixes, que mostraram a importância da respiração ritmada.

Às tartarugas, que exploraram a lentidão com sabedoria.

Aos pescadores, que lançaram suas redes com paciência e determinação.

Às baleias, que ensinaram o aprendizado do se transbordar.

Às outras sereias, que transmitiram a força da coletividade.

Às conchas, que propiciaram o eco da escuta.

## Ancoragem

CARNEIRO, Henrique. *Autonomia ou Heteronomia nos estados alterados de consciência*. In: *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Beatriz Labate, Sandra Goulart, Mauricio Fiore, Edward MacRae e Henrique Carneiro (org). Salvador: Edufba, 2008

DIDIER-WEILL, Alain. *Nota Azul - Freud, Lacan e a Arte*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1997

FRANKL, Viktor. *Em Busca de Sentido*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016

FREUD, Sigmund. *Introdução ao Narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* São Paulo: Companhia das Letras, 2010

FREUD, Sigmund. *O mal estar na cultura (1930)*. Porto Alegre: L&PM, 2010

JAFFE, Noemi. *Quando nada está acontecendo*. São Paulo: Martins Fontes, 2011

MARQUES, Ana Martins. *O livro das semelhanças*. São Paulo: Companhia da Letra, 2015

SOUSA, Edson Luiz André de. *Totocalmon. A condição de exílio da Escrita*. In: *Psicanálise, Literatura e Estéticas de Subjetivação*: Giovanna Bartucci (org). Rio de Janeiro: Imago, 2001



(autor desconhecido)